

RUA IBRAHIM NOBRE

Decreto nº 3872 de 08-07-1971

Decreto nº 3943 de 25-10-1971

Formada pela rua 2 da Vila Marieta - 2a. parte

Início na rua Comendador Irineu Chechia

Término na avenida Jorge Tibiriçá

Vila Marieta

Obs.: O decreto nº 3872/71 foi assinado pelo Prefeito Orestes Quéricia e o nº 3943/71 que deu nova redação ao anterior, também pelo Prefeito Quéricia. Protocolado nº 15.194 de 17-05-1971 em nome do vereador Anatole Brasil Noronha Sales. Do decreto consta: "Ibrahim Nobre - Tribuno da Revolução Constitucionalista (1888-1970)".

IBRAHIM NOBRE

Ibrahim Nobre nasceu em São Paulo, na rua Direita, em 19-fevereiro-1888 e faleceu em São Paulo em 08-abril-1970. Estudou no Ginásio Episcopal, passando depois para o Ginásio do Estado. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de São Francisco, em 1909. Foi delegado de polícia em Salesópolis, e quando de sua transferência para Casa Branca, foi alvo de uma das maiores homenagens que se tem notícia naquela região. Em Salesópolis, a população dizimada pela varíola, teve em Ibrahim um homem que se desdobrou em clínico, em enfermeiro e até mesmo em cozeiro. Mais tarde, transferido para Santos, teve aí destacada atuação, merecendo várias homenagens da população santista. Nas horas de folga se reunia em serões literários com Martins Fontes, Menotti Del Picchia e outras expressões da cultura e literatura. Na cidade praiana, foi o redator principal do jornal "A Tribuna". Foi promotor público em São Paulo e sub-procurador geral da Justiça. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e titular da Cadeira 21 da Academia Paulista de Letras. Foi também orador empolgante e conferencista. Ibrahim Nobre foi o tribuno da Revolução Constitucionalista de 1932. A veemência e eloquência de suas palavras era ouvidas pelos paulistas que vibravam e tinham o condão de fazer com que todos os brasileiros de São Paulo se irmanassem da luta desta terra contra a ditadura que sufocava a liberdade do nosso povo. Seu único escrito, é uma separata de "A Gazeta", intitulada "Minha Terra, Minha Pobre Terra".

Campinas, 1º de março de 1971.

À Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros
Públicos do Município de Campinas
NESTA



Nos termos do artigo 3º do decreto nº 3476, de 11 de setembro de 1969, apresentamos o nome de IBRAHIM NOBRE, para ser denominada uma via pública de nossa cidade.

Campinas, 1º de março de 1971

a) Anatole Brasil Noronha Sales
Vereador

JUSTIFICATIVA

IBRAHIM NOBRE foi o grande tribuno da Revolução Constitucionalista, o movimento cívico militar que, irrompido em nosso Estado, contra a negasta ditadura, que sufocava os mais puros anseios de liberdade do povo brasileiro teve o condão de unir todos os brasileiros de São Paulo, na luta armada, pela redemocratização do país. E foi, com efeito, o verbo de Ibrahim Nobre, o que mais intensamente se fez ouvir, em todos os recantos da terra paulista, notadamente nesta mui heróica cidade de Campinas, um dos últimos bastiões do magnífico movimento libertário.

Justo, pois, que num resgate de uma dívida de fratidão se perpetúe o seu nome com uma via pública de nossa cidade.

a) Anatole Brasil Noronha Sales
Vereador

Tornou-se o Decreto 3872, de 8-julho-1971.

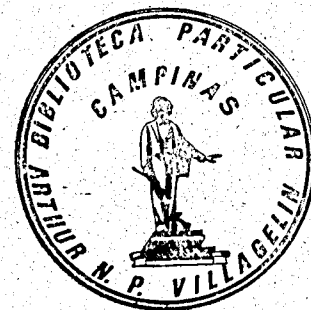
Art. 1º - Fica denominada:

I-IBRAHIM NOBRE - TRIBUNO DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA - (1888 - 1970) a rua 2 do Jardim das Oliveiras, com início na rua Comendador Irineo Cechia e término na Avenida Jorge Tibiriçá.

Campinas, 8 de julho de 1971.

a) Dr. Orestes Quércia

Publicado no Diário Oficial nº 338 de 09-julho-1971.

**DECRETO N.º 3872, DE 8 DE JULHO DE 1.971**

Dá denominação a via pública da cidade de Campinas.

O prefeito municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969

DECRETA:

Artigo 1.º — Fica denominada:
I — IBRAHIM NOBRE — TRIBUNO DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA — (1888 — 1970) — a rua 2 do Jardim das Oliveiras, com início na Rua Comendador Irineo Cechia e término na Avenida Jorge Tibiriçá.

Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 8 de julho de 1.971.

DR. ORESTES QUÉRCIA
PREFEITO MUNICIPAL
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
SECRETÁRIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS
ENG.º JULIO CESAR FILENÇO
SECRETÁRIO DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes dos protocolos administrativo n.º 15.194 de 17/5/71 e publicado no Departamento do Expediente de Gabinete do Prefeito em 8 de julho de 1.971.

GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE
CHEFE DO GABINETE

**DECRETO N.º 3943, DE 25 DE OUTUBRO DE 1971**

Dá nova redação ao decreto n.º 3872, de 8 de julho de 1971.

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Passa a ter a seguinte redação o artigo 1.º, do decreto n.º 3872, de 8 de julho de 1971

“Artigo 1.º — Fica denominada IBRAHIM NOBRE — TRIBUNO DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA — (1838-1970) — a rua 2 da Vila Marieta 2.a parte, com início na Rua Comendador Irineo Chchia e término na Avenida Jorge Tibiriçá.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 25 de outubro de 1971.

DR. ORESTES QUÉRCIA
PREFEITO MUNICIPAL

DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
SECRETÁRIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS

DR. JULIO CESAR PILENSO
SECRETÁRIO DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado administrativo n.º 15194, de 17 de maio de 1971, e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito em 25 de outubro de 1971.

GERALDO CÉSAR BASSOLI CEZARE
CHEFE DO GABINETE

RUA ISRAHIM NOBRE

(Decreto 3872 de 08.07.1971)



O tribuno da Revolução. Era Promotor Público e foi o mais veemente dos oradores que em 23 de maio levaram a impor um secretariado livre à ditadura. Sua eloquência ainda é irresistível. Quando lhe perguntei como acabara a Revolução, respondeu com ênfase irônica: "Acabou?".

(Da Revista "O Cruzeiro", do Rio de Janeiro, de 23-julho-1960, na reportagem de autoria de Mário Camarinha: "9 de Julho de 1932 - Como Nasceu a Revolução".)



RUA IBRAIM NOBRE

IBRAIM DE ALMEIDA NOBRE - Jurista e grande orador brasileiro. Membro da Academia Paulista de Letras, titular da Cadeira nº 21 patrocinada por Antonio Carlos de Andrade (o primeiro) Durante o período revolucionário, de 1931-1934, foi tribuno do povo paulista, defendendo, com a palavra, os direitos de sua cidade, contra o governo federal do Presidente Getúlio Vargas. Ocupou vários cargos, tendo sido Delegado em várias cidades do interior paulista: Promotor Público da Capital e Subprocurador Geral da Justiça. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Seu único escrito é uma separata da "Gazeta", intitulada "Minha Terra, Minha Pobre Terra". Nasceu na cidade de São Paulo a 19 de fevereiro de 1888.

(Extraído de "Ensino Renovado de Biografias", 3º volume, pág. 815, da Editôra Formar Ltda.)



Ibrahim Nobre

PAULO JOSÉ DA COSTA JR.

Tive alguns privilégios na vida. Conheci o maior advogado criminalista de S. Paulo deste século: Marrey Júnior. E conheci o maior promotor do Júri de S. Paulo: Ibrahim Nobre. Conheci e convivi com ambos. Frequentei o escritório do grande Marrey, como o grande Ibrahim concedeu-me a honra de visitar-me no meu Quiriri (o sítio onde resido, que assim foi batizado por meu querido amigo Monsenhor Castro Nery). Pena que não tenha podido curtir mais, como seria meu desejo. Mas a S. Paulo de então - menos trepidante que a atual, mesmo assim, não o permitiu.

"Tempus fugit." A gente não se apercebe. Já se passaram dez anos da morte de Ibrahim Nobre. É preciso revocá-lo. Não basta o seu busto inerte, no salão do primeiro Tribunal do Júri, onde ele atuou. É preciso a palavra candente do Poeta de S. Paulo, para reviver o seu grande amigo. A minha palavra é pobre. Não é digna de Ibrahim. Aí vai a carta que Paulo Bomfim endereçou a Ibrahim Nobre, no décimo aniversário de sua morte, a 8 de abril que passou. Seja-me consentido transcrevê-la: "Não escrevo a Você em tom de lamento e muito menos pretendo evocar o fantasma dos dias que se foram.

"Não falarei do ciclo de glórias comparando homens de hoje com homens de ontem. Tudo seria inútil, e a carta assumiria ares de réquiem.

"Deixo que os sinos dobrem em intenção dos vivos que estão de braços cruzados, dos sobreviventes de si próprios, dos mornos e dos pusilânimes.

"Não é hora de rezarmos pelos que partiram, mas de pedirmos por esses que ja-

zem nos sepulcros do derrotismo e da subserviência.

"Não quero olhar para o passado, quero que o passado olhe para nós, ou olhe por nós. Que acenda o inconformismo, ilumine passos, oriente a indecisão, fale por todos os silêncios!

"Que a mão ancestral retire a venda de nossos olhos, a mordada de nossos lábios, o grilhão de nosso caminhar.

"A crise que o mundo atravessa não justifica a crise de virtude que amargamos.

"A inflação não deve ser a desculpa da desvalorização da moeda do caráter, nem a falta de petróleo pode significar a ausência desse combustível espiritual chamado vergonha!

"Convivemos com as multinacionais desde a Companhia das Índias, e Fernando Noronha é o patrono dos exploradores de nossas riquezas.

"As capitânias continuam hereditárias e a terra tem sido encoberta e não descoberta.

"Meu caro Ibrahim, sua tribuna está vazia, seu povo cansado, São Paulo pedindo amor.

"Sem verba e sem verbo, com dívida externa e dívida interna, resta-nos apenas ligar a televisão e continuar a novela.

"Caminhamos empacotados em aflição, Pindorama sofre de esclerose precoce. Falta de circulação de esperança e de irrigação de idéias.

"De um lado a ignorância, do outro a burrice erudita. O barco afunda e os ratos roem a vocação de existir.

"O ano passado comemoramos condignamente o cinquentenário da crise de 29.

"Daqui a dois anos o seu 32 estará fazendo meio século, e aqueles que morreram jovens, por uma Pátria mais adulta, indagarão com suas bocas

descarnadas e suas órbitas vazias:

"— Mas foi para isso que nós morremos?

"Alguém deve plantar verdade no vazio das plataformas. Há um complexo de inferioridade, um colonialismo mental, uma subserviência generalizada que precisam ser extirpados.

"Há 50 anos alegavam que no velho regime até os mortos votavam. Estranho país onde os mortos votavam bem e os vivos não votam ou votam mal!

"O povo não é apenas a palavra chave de todos os discursos e de todas as promessas. É a mais real das realidades pois é carne que sofre, é fome que pede pão e justiça, é tristeza à procura de uma réstia de esperança.

"É preciso que o Estado se adapte às necessidades do povo, que com o espírito do Leviatã ilumine-se as escolas e curem-se os enfermos; com seu corpo alimentem-se as multidões famintas, e de sua força façam-se máquinas que beneficiem o campo e a cidade.

"O Leviatã não deve devorar seus filhos, mas ser habitado por eles. Habitado com humanidade, com segurança, com paz, com dignidade.

"A alma não cabe na memória dos computadores e nem se enquadra no paraíso do consumo. O mistério do ser escapa às tecnocracias.

"Que Bandeira me perdoe. Não quero ir para Passárgada, nem ser amigo do rei. Quero amar a liberdade na vida que escolherei.

"Ibrahim. Em nome do anor à liberdade que Você transmitiu a todos nós, da coragem e do civismo que Você deixou no testamento de sua paixão, é que invoco sua presença no meio de tantas ausências.

"Escrevo esta carta na areia de uma praia e assino meu nome na nuvem que passa".

("FOLHA DE S. PAULO" DE 13.04.1980)

NOBRE, Ibraim de Almeida - Rua

B. P. M. "Prof. E. M. Zink"

Documentário de Campinas

Nasceu na capital do Estado de São Paulo a 19 de fevereiro de 1888. Concluídos os estudos preliminares, ingressou no Ginásio do Estado, onde fez todo o curso de humanidades. Formado em 1900, pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Foi promotor público da Capital. Subprocurador geral da Justiça. Orador, conferencista, etc. Foi também figura de destaque da Revolução Paulista de 1932, tendo ficado famosos os seus discursos favor da Revolução.

Bibliografia: MELO, Luís Correia de. Dicionário de Autores Paulistas. São Paulo, Irmas Andrioli/ 1954. p.421.

Biblioteca Pública Municipal "Professor Ernesto Manoel Zink".
Campinas, 24 de agosto de 1973.





IBRAHIM NOBRE

Eco ao longo dos meus passos

GUILHERME DE ALMEIDA

IBRAHIM

Fevereiro, 18, 68.

Nobre? — Nobilíssimo.

E com enternecido orgulho que lhe grafo o nome nesta vigília do seu octogésimo natalício. E com orgulhosa ternura que o vejo, sempre preeminente de bela serenidade, nessa foto documental, aí, á minha frente, entre os demais, todos nós em pijama, posando contra um lóbrego muro de prisão: — "Sala da Capela, Rio, outubro de 1932", reza a legenda.

E houve o exílio: e a rota dos navios-presídio — "Pedro I" e "Siquiera Campos" —: e as noites tropicais do grupo camarada apinhado sobre rolos de cordame à ré, espiando a esteira de espuma que as hélices moíam e a lua prateava, e ouvindo Ibrahim recapitular a nossa gesta com tal gesto de alma, que a sua impávida figura transmutava em próa a pópa...

E veio Portugal. Certo: fomos a ele; mas ele é que veio a nós de abertos braços paternos que, compreensivos, mais ainda nos irmanaram. Depois...

Depois, não. Antes, sim. Por que aquela prisão? Por que aquele exílio?... Porque, dois anos antes daquela fotografia, houve um dia 24 de Outubro de 1930. E houve esse dia porque havia São Paulo. E, nesse São Paulo traído, invadido, violentado, uma voz subito explodiu, brusca, bruta, de aço puro, na tribuna de um Tribunal. Voz sozinha. Voz primeira. Voz de acusador que acusava o pisador que pisava terras, gentes, gestos, almas, tudo em uma pátria primacial, porque...

— "São Paulo não é senzala!"

Era o primeiro item do imortal libelo de Ibrahim: — "Minha terra, minha pobre terra!" Primeiro grito, esse, da dignidade paulista, tinha que ser dignificado, revestido de todas as nossas insígnias patrióticas. Por isso, estourou na tribuna do Ministério Público, em Sessão do Juri de 16 de novembro de 1930, e profecido pelo Promotor Ibrahim Nobre. O titular é destituído ("cassado" como hoje se diz). Mais tarde, tenta a ditadura reconduzi-lo ao posto. Mas, consultado, ele responde:

— "Da ditadura eu não aceito nem Justiça!"

Essa frase faz um homem.

E basta.

Oitenta anos amanhã, Ibrahim? *

Qual! Oitenta séculos, sei lá!

(Do jornal "O Estado de S. Paulo",
de 18-fevereiro-1968)